

REFLEXÕES TEÓRICAS E O FAZER TRADUTÓRIO: O PROJETO *DIVERSAS FACES DA TRADUÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE*

THEORETICAL REFLECTIONS AND THE TRANSLATION PROCESS: THE PROJECT DIVERSAS FACES DA TRADUÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE



Samira SPOLIDORIO
Pesquisadora independente
Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil
lattes.cnpq.br/1852611009932326
orcid.org/0000-0002-2640-2337
samira.spolidorio@gmail.com

Marcella Wiffler STEFANINI
Doutoranda
Universidade Estadual de Campinas
Instituto de Estudos da Linguagem
Programa de Pós-Graduação em
Linguística Aplicada
Campinas, São Paulo, Brasil
lattes.cnpq.br/2036526027209909
orcid.org/0000-0002-8385-3265
marcella.wiffler@gmail.com

Érica LIMA
Professora
Universidade Estadual de Campinas
Instituto de Estudos da Linguagem
Departamento de Linguística Aplicada
Campinas, São Paulo, Brasil
lattes.cnpq.br/5927793765442248
orcid.org/0000-0002-7199-3172
elalima@unicamp.br

1

Resumo: As discussões sobre as teorias de tradução têm crescido exponencialmente, muitas vezes em diálogo com as “viradas” nos Estudos da Tradução. Diversas tendências foram se desenvolvendo, mostrando que a complexidade do processo tradutório corresponde também a uma profusão de reflexões teóricas nem sempre compatíveis entre si. Nesse contexto, este trabalho pretende apresentar o projeto *Diversas faces da tradução na contemporaneidade*, desenvolvido na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), que deu origem a duas coletâneas, com a tradução de artigos de autores mais e menos renomados que recorrem a abordagens teóricas e metodológicas distintas para subsidiar seus trabalhos. O projeto de traduções colaborativas possibilita discussões que perpassam as pesquisas das pessoas envolvidas no processo tradutório, em um movimento de olhar para a prática considerando os princípios que a regem e as repercussões que desencadeiam. Como será exemplificado com duas experiências tradutórias de textos teóricos sobre tradução audiovisual, a participação no projeto permite a metarreflexão sobre o processo tradutório e estimula o pensamento crítico defendido por modelos hermenêuticos, possibilitando que as pessoas participantes reconheçam seus papéis como divulgadoras do conhecimento científico produzido em diversas partes do mundo, os quais são disponibilizados (gratuitamente) aos leitores de língua portuguesa.

Palavras-chave: Teorias contemporâneas de tradução. Metarreflexão. Modelos hermenêuticos. Tradução colaborativa. Tradução audiovisual.

Abstract: Discussions on translation theories have grown exponentially, often dialoguing with the different “turns” in Translation Studies. Several trends have developed, showing that the complexity of the translation process also corresponds to a profusion of theoretical reflections that are not always compatible with each other. In this context, this paper aims to present the project *Diversas faces da tradução na contemporaneidade*, developed at Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), which culminated on the publication of two compilation, with the translation of articles by either very renowned authors or somewhat less famous theorists who use different theoretical and methodological approaches to support their work. The collaborative translation project enabled discussions that were intertwined with the research of the people involved in the translation process, in a movement that looks at the translation practice considering the principles that govern it and the repercussions that they may trigger. As exemplified in the two translation experiences of theoretical texts on



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da *Licença Creative Commons Atribuição* que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

audiovisual translation, participating in the project allowed for metareflection regarding the translation process and foster critical thinking supported by the hermeneutic models, enabling participants to recognize their roles as disseminators of scientific knowledge produced in different parts of the world, which is made available (free of charge) to Portuguese-speaking readers.

Keywords: Contemporary translation theories. Metareflection. Hermeneutic models. Collaborative translation. Audiovisual Translation.

Afinal, a prática da diferença só se efetiva na tradução se pensarmos não só na multiplicidade das línguas, mas também no que essa multiplicidade encena: a tradução recíproca na produção e transformação infinita de significados. (Ottoni, 2005, p. 19)

2

Na introdução da primeira edição da coletânea *The Translation Studies Reader*, Venuti (2000) traz uma pergunta que perpassa a história dos Estudos da Tradução: *What is a translation theory?* Considerando a afirmação do próprio autor de que “[a] natureza cada vez mais interdisciplinar dos estudos sobre tradução multiplicou as teorias de tradução”¹ (Venuti, 2000, p. 4), parece ser mais apropriado perguntar o que são teorias de tradução, e qual o papel que desempenham tanto para os processos tradutórios quanto para o desenvolvimento da área. Essa coletânea reúne diversas teorias fundamentadas em variadas filiações e com objetivos variados e apresenta reflexões que articulam diferentes concepções de tradução e da tarefa do tradutor. A primeira edição traz 30 textos, divididos em cinco grandes períodos ao longo do século XX, de 1900 a 1990, começando com o clássico *A tarefa do tradutor*, de Walter Benjamin.

Na terceira edição, Venuti (2012) substitui alguns textos (por exemplo Vinay e Darbelnet, Catford, Reiss, Holmes), e inclui textos canônicos, tais como, a *Carta a Pamáquio*, de São Jerônimo, além de Schleiermacher, Nietzsche e Derrida. Também acrescenta seis textos publicados a partir de 2000, entre eles Sherry Simon e Michael Cronin, além de substituir o seu próprio texto da primeira edição (*Translation, community, utopia*) por *Genealogies of Translation Theory: Jerome* (Venuti, 2012), no qual desenvolve sua teorização sobre dois modelos de tradução: o instrumental e o hermenêutico.

É possível observar, mesmo em uma análise despretenhiosa, que as exclusões e inclusões propostas na terceira edição dialogam com a adoção explícita do modelo hermenêutico defendido por Venuti (2012), em detrimento do instrumental, entendido como uma teoria e uma prática que prioriza o aspecto linguístico, que o autor considera estar presente, sobretudo em programas de formação de tradutores e em estudos empíricos.

O modelo hermenêutico, por sua vez, é visto como uma abordagem mais crítica, que “promove a ética da tradução, evitando qualquer mistificação usada para manter o *status quo* social ou cultural, e, em vez disso, apresenta possibilidades de mudança e inovação para criar valores”² (Venuti, 2012, p. 485). O autor destaca, além da consciência de que todo texto passa por uma interpretação e uma mediação do tradutor, a capacidade de o modelo hermenêutico recorrer a outros sistemas conceituais, inclusive ao próprio modelo instrumental. Seu texto, que encerra a terceira edição, faz uma análise crítica do texto de São Jerônimo que abre a coletânea, considerado um exemplo do modelo instrumental, uma vez que a Carta defende a tradução como transferência e transposição, seja na forma da tradução palavra-por-palavra, seja no sentido-por-sentido.

Venuti (2012) lembra, ainda, que o modelo instrumental predominou por muitos anos na área, principalmente com a defesa da prática em detrimento da teoria, ou da teoria como algo dispensável e subalterno em relação à prática. Ele ressalta que, na concepção do modelo instrumental, a tradução busca o sentido imutável que supostamente está no texto de partida e deve ser transmitido de forma intacta pelo tradutor, por meio de uma reconstrução da forma, do significado ou do efeito do texto de partida. Por outro lado, no modelo hermenêutico, a tradução é vista como interpretação, e, como tal, é sempre influenciada por vários fatores (língua, cultura, história, contexto sociopolítico etc.) e apresenta várias possibilidades de construção de um novo texto de acordo com cada projeto tradutório.

Essa contextualização nos ajuda a situar teoricamente a experiência de tradução que será objeto deste artigo. Após décadas de reflexões e pesquisas de tradução, caracterizadas por questionamentos dessa tradição instrumental que busca equivalências e coloca a tradução como subalterna, como simulacro e perda do que o original (ou o autor do original) supostamente quis dizer, o projeto é pautado na concepção de modelos hermenêuticos, partindo da ideia de que qualquer tradução é interpretação. Defendida por Gadamer, Nietzsche, Derrida, entre outros pensadores que Venuti (2012) classifica como adeptos ao modelo hermenêutico, as discussões pautadas na concepção de tradução como transformação e de quem traduz como agente responsável por um novo texto encontraram na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) um terreno fértil de reflexões que permanecem até os dias de hoje.

O objetivo deste artigo é apresentar as diretrizes do projeto *Diversas faces da tradução na contemporaneidade*, bem como as metodologias adotadas, as indagações, os desafios e os resultados alcançados, apresentando as investigações direcionadoras de nossas práticas de tradução de textos teóricos da área. Iniciaremos com a contextualização do projeto e breves

comentários sobre a metavirada caracterizada pela metarreflexão sobre a área dos Estudos da Tradução (Echeverri, 2017). Em seguida, apresentamos as metodologias que perpassam o projeto, desde os critérios para a escolha dos textos a serem traduzidos até as estratégias escolhidas no processo de tradução colaborativa (Pym 2017; Spolidorio, 2017a). Apresentamos, então, dois exemplos de textos traduzidos por duas das autoras deste trabalho e tecemos algumas considerações finais.

Contextualização e Justificativa do Projeto

O programa de pós-graduação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) foi o primeiro no Brasil a inserir a Tradução como área de concentração da Linguística Aplicada (Rodrigues, 2013, p. 59), incentivando o desenvolvimento de trabalhos que exploram os vínculos entre a linguagem e a vida social, considerando as múltiplas dimensões das línguas e trazendo teorizações e análises que se debruçam sobre temas de grande relevância para a coletividade. Também foi nesse programa que ganharam força as pesquisas que contestavam a concepção de neutralidade de quem traduz e que deram lugar ao estudo da influência da tradutora e do tradutor no processo de tradução, com trabalhos pioneiros de Rosemary Arrojo (1986, 1992, 1993) e Paulo Ottoni (1998, 2000). Na época, enquanto outros estudiosos defendiam modelos de análise técnica, quantitativa e empírica de traduções, o programa propunha discussões sobre temas polêmicos, como a relação da tradução com a psicanálise e com a filosofia, sobretudo com a desconstrução (ou desconstruções, como preferia Jacques Derrida, 2005).

Em meio a debates efervescentes, surge, então, o primeiro projeto de tradução de textos teóricos, organizado por Ottoni (1998; 2005). A coletânea, intitulada *Tradução, a prática da diferença*, já inova desde a capa, que traz as diversas traduções do termo francês *différance* (diferência, diferencia, diferença, differença)³ e os nomes de participantes em ordem alfabética, dispostos em três fileiras horizontais, sem marcação de quem é a autoria ou a tradução. A coletânea conta com uma introdução de Ottoni e sete textos, iniciando e terminando com traduções de textos de Derrida (*Carta a um amigo japonês* e *Teologia da tradução*). Há ainda artigos de Barbara Johnson, Lori Chamberlain, Alan Bass, Ginette Michaud e Martin Thom, alguns deles, na época, pouco conhecidos pelo público brasileiro, cujos textos se tornaram referências para discussões sobre a relação da tradução com a psicanálise, a filosofia e a questão de gênero.

A coletânea organizada por Ottoni (1998; 2005) inspirou o nosso projeto, intitulado *Diversas faces da tradução na contemporaneidade*⁴. O primeiro volume foi bastante modesto em termos quantitativos: além da apresentação do projeto, tivemos somente cinco artigos traduzidos, três do inglês, um do chinês e um do espanhol, com a participação de onze pessoas, estudantes de mestrado e doutorado do programa de pós-graduação em Linguística Aplicada. O segundo volume, publicado em 2021, também traz uma pequena apresentação das organizadoras, seguida de um prefácio detalhado feito a várias mãos pelas tradutoras e tradutores, e dez textos traduzidos, cinco do inglês, dois do francês e três do espanhol, com a participação de dezesseis pessoas. Havia uma perspectiva de publicar o terceiro volume em 2023, no entanto, como foram conseguidas apenas quatro autorizações, optamos por publicar na coletânea *Entre palavras e imagens: ensaios e pesquisas em memória, tradução e intermedialidade* (Palma e Lima, 2023), já que não havia previsão para a concessão dos direitos autorais de outros textos. Foram publicadas, então, três traduções do inglês e uma do francês, com a participação de dez pessoas.

Antes de passarmos para a descrição da metodologia do projeto, é importante traçar um breve panorama, de forma a contextualizar o que entendemos como um momento de emergência para a área, que, ao longo das últimas cinco décadas, desde a formalização dos Estudos da Tradução como disciplina marcada pela proposta de James Holmes (1988/2016), tem passado por muitas viradas teóricas e metodológicas, tais como: virada linguística, cultural, sociológica, virada tecnológica, virada do poder, virada ideológica, etc. (Snell-Hornby, 2006; Munday, 2016; Jiménez-Crespo, 2020).

Um crescente movimento da última década tem apontado para a chamada metavirada (*metaturn*), caracterizada pela metarreflexão sobre a própria área dos Estudos da Tradução, suas práticas, epistemologias, delimitações disciplinares, objetos de interesse e, também, seus textos fundamentais, como defende Echeverri (2017). Além da revisão dos mapas conceituais, discutindo, expandindo ou delimitando as fronteiras de uma área tão transdisciplinar com outras disciplinas adjacentes, outro principal foco de atenção da metavirada é o papel da tradução de textos teóricos dentro da área de Estudos da Tradução. O autor argumenta que grande parte da produção acadêmica de um país é influenciada pelas traduções de textos-chave, que acabam por moldar e determinar as perspectivas teóricas disponíveis e mais usadas. No caso da tradução, determinados conceitos e abordagens passam a circular graças a textos traduzidos, e podem se tornar mais influentes para determinadas regiões.

SPOLIDORIO, Samira; STEFANINI, Marcella Wiffler; LIMA, Érica. Reflexões teóricas e o fazer tradutório: o projeto *Diversas faces da tradução na contemporaneidade*. *Revista Belas Infieis*, Brasília, v. 14, n. 2, p. 01-23, 2025. e-ISSN: 2316-6614. DOI: 10.26512/belasinfieis.v14.n2.2025.57467

De acordo com Echeverri (2017), a circulação de traduções de textos pioneiros, como os de Holmes, Venuti e Lefevere, moldou as bases dos Estudos da Tradução em várias partes do mundo, muitas vezes, estabelecendo quais teorias se tornariam hegemônicas. No Brasil, devido à influência sofrida de culturas anglofalantes, não é surpresa que os textos vistos como fundamentais da área sejam, em geral, de língua inglesa. No entanto, o que é ou não traduzido, por quem, e onde será publicado não é uma ação neutra ou imparcial, uma vez que há uma questão também mercadológica que perpassa todo o processo. Assim, é mais rentável publicar textos de autores conhecidos, que terão maior circulação, em detrimento daqueles que ainda não conseguiram reconhecimento na área, ou seja, quem tem visibilidade acaba conseguindo mais visibilidade.

Assim, um dos objetivos da metavirada nos Estudos da Tradução é não só reconhecer a importância dessas traduções pioneiras e o impacto que elas tiveram na construção do repertório teórico dos Estudos da Tradução em determinados locais, mas também analisar criticamente essas escolhas e esses textos, questionando até que ponto elas contribuíram para a consolidação de determinada vertente dos Estudos da Tradução dentro do campo global e local, ou como elas podem ter reforçado desigualdades epistemológicas, privilegiando certas tradições acadêmicas hegemônicas em detrimento de outras mais marginais.

Tymoczko (2006) defende que a integração de perspectivas não hegemônicas na área é essencial para ampliar e enriquecer o campo teórico, permitindo uma compreensão mais abrangente e inclusiva das práticas tradutórias e da produção científica sobre tradução. A autora argumenta que as teorias tradicionais têm sido predominantemente eurocêntricas e ocidentais, o que limita a compreensão das diversas práticas de tradução existentes. Ao incorporar pensamentos e teorias de culturas diversas, os Estudos da Tradução podem desenvolver modelos teóricos mais flexíveis e aplicáveis a diferentes contextos, enriquecendo o campo acadêmico e promovendo uma maior compreensão das dinâmicas interculturais envolvidas na tradução. Conforme Tymoczko (2006) destaca, ao darmos abertura para teorias e práticas de tradução de diferentes culturas, é possível questionar pressupostos universalistas, reconhecer e validar a pluralidade de métodos e objetivos dentro dos estudos acerca da tradução (seja como produto, ou processo). Isso não só amplia o escopo dos Estudos da Tradução, mas também valoriza as contribuições de comunidades invisibilizadas, fomentando um diálogo mais inclusivo e representativo no campo acadêmico.

No projeto aqui apresentado, há um esforço em trazer vozes pouco conhecidas ao lado de autores consagrados, bem como uma diversidade teórica e metodológica, de forma a evitar

a centralização teórica ou, ainda, cair em conceituações dicotômicas tradicionalmente características da área. Assim, há uma tentativa de desafiar as hierarquias epistemológicas estabelecidas, partindo do pressuposto de que cada texto apresenta uma abordagem teórica em jogo com uma rede de outros textos e outras teorias. Como afirma Viviane Veras (2021, p. 263),

[p]ode-se dizer que as teorias de tradução, cada uma à sua maneira, revelam-se, a despeito da diversidade de abordagens, modos de lidar com uma relação singular de intimidade com um texto: o traduzir. Modos que exigem cautela no aproximar-se, mantendo sempre certa distância. Nem cópia fiel nem fenômeno especular, visto que o original já é duplo e que se faz ver/ouvir como imagem/eco da tradução índice (continuidade) e ícone (intervalo, descontinuidade).

Mais do que eleger uma linha teórica, nosso projeto visa a interpretar e analisar alguns conceitos e metáforas que são deslocados na tradução, além de trazer para a discussão aspectos ativistas, sociais e políticos da tradução (Lima, 2018; Lima e Veras, 2021; Palma e Lima, 2023).

Metodologia do Projeto: da Escolha dos Textos às Escolhas Tradutórias

Para o desenrolar do projeto há, antes de tudo, uma preocupação com a escolha dos textos que serão traduzidos e publicados. No início da organização de cada coletânea, há uma discussão sobre quais temas poderão ser de interesse de cada pessoa, do grupo, e, de forma mais ampla, da área. Existe um cuidado em estabelecer um fio condutor dentro de uma pluralidade e um número potencialmente amplo de possibilidades de textos, de forma que haja uma articulação geral entre os textos de cada coletânea e, ao mesmo tempo, uma abertura a diferentes abordagens teóricas.

Para os dois volumes do projeto, o ponto de partida foi o mesmo: estudantes participantes tiveram autonomia tanto para propor textos que gostariam de traduzir (ficando responsáveis por conseguir as autorizações necessárias) quanto para se organizar em duplas ou trios para iniciar os trabalhos da maneira que julgassem adequada⁵. Desde o início, são incentivadas as trocas, discussões e reflexões conjuntas, não somente porque o projeto é desenvolvido no âmbito do grupo de pesquisa e por falar em tradução, mas também por proporcionar uma experiência com tradução coletiva e colaborativa (Pym 2017; Spolidorio, 2017a), de forma que a interação seja contínua e determinante para o resultado do processo.

Observou-se que as escolhas dos textos a serem traduzidos foram determinadas especialmente por dois aspectos: o interesse gerado pelas próprias pesquisas e um envolvimento afetivo pelo tema, o que nos remete à potência de agir desencadeada pelas paixões, como explica Spinoza (1677/2014). Assim, o fato de poder escolher o que traduzir faz com que a potência seja aumentada, e, por isso, é importante que cada dupla seja formada por confluências de interesses.

Apesar de pequenas diferenças entre as decisões tomadas entre as duplas ou trios, a maioria das traduções foi feita sem recorrer a nenhum software de tradução, usando um arquivo de texto Word com o auxílio de dicionários e outros recursos de pesquisa on-line, como, artigos acadêmicos e fóruns de discussão. Inserimos vários comentários, usando o próprio recurso do Word, para indicarmos dúvidas e possíveis soluções, pensadas com base em pesquisas feitas durante a tradução, indicando também as fontes de cada ideia ou solução. A interação aconteceu, majoritariamente, por meio dos comentários no próprio arquivo Word, e, ocasionalmente, por e-mail ou mensagens pelo WhatsApp.

8

Para a etapa da tradução, primeiro, realizamos a leitura do texto completo e, em sequência, fizemos a divisão do texto em partes aproximadamente iguais, atribuindo a cada pessoa a responsabilidade por traduzir uma seção. Uma vez finalizada a tradução das partes individuais, ocorre a primeira revisão, nomeada pelo grupo de “revisão interna”, na qual uma pessoa revisa as partes traduzidas pela outra. Nessa etapa, muitas dúvidas deixadas no momento da tradução já são resolvidas e é feita a formatação inicial em um único arquivo, minimamente limpo e formatado.

O texto traduzido foi enviado, então, para a etapa denominada “revisão externa”, em que outra dupla ou trio do projeto ficou responsável pela revisão, usando o cotejo do texto traduzido com o texto original. Essa estratégia encoraja o diálogo entre as duplas responsáveis pela tradução e pela revisão, e possibilita que soluções tradutórias sejam encontradas conjuntamente. Depois da etapa de revisão externa, os textos passaram por uma revisão final das coordenadoras do projeto, podendo haver reuniões com as duplas ou trios para resolução de dúvidas pontuais. Por fim, houve um esforço coletivo de revisão da versão diagramada do livro, com a leitura de prova de seus próprios textos e de textos de outras duplas ou trios, buscando encontrar pequenos erros de digitação, ortografia, gramática e formatação⁶.

Se, de um lado, a troca entre o grupo sempre se mostra profícua, de outro, há os desafios e empecilhos de qualquer processo editorial. Nesse sentido, assim que temos um número suficiente de textos autorizados, são iniciados os trâmites para conseguir o auxílio financeiro

para a publicação⁷. Uma vez que nossas publicações são subsidiadas por agências de fomento e pelo programa de pós-graduação, é preciso solicitar, ao menos, três orçamentos de editoras, a fim de fechar o contrato com a de menor valor, o que também leva algum tempo para ser finalizado. Há, ainda, as decisões a serem tomadas em relação aos paratextos – capa, orelha, prefácios, entre outros.

No primeiro volume, como mencionado, há uma introdução com a justificativa do projeto e uma explicação sobre a lógica interna do processo. No segundo volume, ao lado de uma brevíssima introdução, incluímos um prefácio das tradutoras e tradutores. A escrita a muitas mãos desse texto, cujo objetivo é narrar sinteticamente as experiências tradutórias e reflexões de cada dupla ou trio, mostrou-se primordial para dar ao grupo uma visão coerente do processo e possibilitar a definição da articulação geral entre os textos da coletânea. Durante todo o processo, há trocas constantes entre as docentes organizadoras e demais participantes, de forma a envolver o grupo todo nas decisões – editoriais ou tradutórias – reforçando a responsabilidade da tarefa de quem traduz.

Análise de Algumas Traduções: Principais Desafios e Soluções

9

Os textos traduzidos até o momento versam sobre diversos temas, desde ecotradução, tecnologia, tradução e ensino de línguas, tradução não especializada, tradução de textos budistas, multimodalidade na tradução, audiodescrição, autotradução, ativismo, gênero, migração e censura. A fundamentação teórica também é extensa, abrangendo perspectivas descritivas, culturais, sociológicas, literárias até filosóficas. Com o objetivo de ilustrar os pontos mencionados anteriormente, apresentamos duas experiências das coautoras deste artigo ocorridas no primeiro volume da coletânea, escolhidas por apresentarem aspectos diferentes da tradução audiovisual (TAV) e por serem emblemáticas do processo de tradução colaborativa adotado no projeto.

O texto de Pablo Romero-Fresco, intitulado *Accessible filmmaking: Joining the dots between audiovisual translation, accessibility and filmmaking*, foi publicado em 2013, pela revista britânica *The Journal of Specialised Translation*, em um volume especial sobre tradução de textos multimodais. A escolha desse texto foi motivada não só pelo interesse das duas tradutoras em TAV e acessibilidade, mas também pela facilidade de acesso ao autor, uma vez que uma delas já havia trabalhado anteriormente com Romero-Fresco no projeto *MAP - Media Accessibility Platform* (Spolidorio, 2017b).

SPOLIDORIO, Samira; STEFANINI, Marcella Wiffler; LIMA, Érica. Reflexões teóricas e o fazer tradutório: o projeto *Diversas faces da tradução na contemporaneidade*. *Revista Belas Infiéis*, Brasília, v. 14, n. 2, p. 01-23, 2025. e-ISSN: 2316-6614. DOI: 10.26512/belasinfiéis.v14.n2.2025.57467

O artigo traduzido traz uma proposta inovadora para a área de Tradução Audiovisual Acessível (TAVa) ao incentivar a inclusão da TAV e da acessibilidade nos estágios iniciais de pré-produção de uma obra audiovisual, dando mais controle criativo às pessoas idealizadoras do projeto, ao contrário da abordagem mais comum, em que as modalidades de TAV e TAVa são consideradas apenas na etapa de pós-produção e divulgação.

Romero-Fresco nomeia essa abordagem de *accessible filmmaking*, e traduzir esse conceito foi um desafio. Consideramos inicialmente “cinografia acessível”, apesar de o termo “cinografia”, ainda que seja uma das opções mais literais, parecer muito incomum e pouco usual para traduzir uma palavra tão direta como *filmmaking*. Pensamos também em “cinematografia acessível” e “acessibilidade cinematográfica”, mas chegamos à conclusão de que inverter a ordem das palavras poderia deslocar o foco para a acessibilidade, gerando uma rede diferente de sentidos.

Durante nossas pesquisas, encontramos a dissertação de mestrado de Sara Benvenuto (2013), intitulada *Adaptação Filmica e Audiodescrição: Uma Proposta de Produção Cinematográfica Acessível para Pessoas com Deficiência Visual*⁸, que também propõe o planejamento do roteiro de audiodescrição já no processo de pré-produção de um filme. O termo “produção cinematográfica acessível” nos pareceu mais claro e adequado que as outras opções consideradas anteriormente, além de dar visibilidade para a pesquisadora.

Aproveitando a facilidade de acesso ao autor, enviamos um e-mail explicando nossa opção por adotar o termo de Benvenuto e a intenção de incluir uma nota de rodapé apresentando sua dissertação. Romero-Fresco concordou com a solução apresentada e também nos informou que acrescentaria a referência à pesquisadora no livro que estava escrevendo sobre o assunto para a editora Routledge.

No mesmo e-mail, compartilhamos outras dúvidas, tais como o trecho sublinhado a seguir:

the creativity shown in the use and translation of intertitles in the silent era was followed by a long period of norm-abiding utilitarian subtitles, produced as a retrofit without the supervision of the creative team and often interfering with the carefully framed shots of the directors. (Romero-Fresco, 2013, p. 210. Grifos nossos).

Prontamente recebemos a resposta com uma detalhada explicação do autor, a partir da qual baseamos nossa tradução, que ficou consideravelmente mais longa que o trecho original:

depois da era de criatividade presente no uso e tradução de intertítulos do cinema mudo, quando a tradução ficou relegada ao processo de distribuição, as legendas tornaram-se simples e desprovidas de criatividade. As legendas (e os legendadores) tinham que seguir as regras e padrões definidos, tornando as legendas algo apenas funcional que tinha como intenção cumprir o papel meramente relacionado ao conteúdo linguístico. A informação contida nas palavras era o mais importante e não havia lugar para outros aspectos que poderiam ser expressos pelo uso de fontes, tamanhos e cores diferentes. Essas legendas representaram um retrocesso, pois eram produzidas sem a supervisão da equipe criativa e geralmente interferindo nos enquadramentos cuidadosamente pensados pelos diretores. (Romero-Fresco, 2018, p. 63-64. Grifos nossos).

Outro ponto que trouxe algumas dúvidas e exigiu muita pesquisa foi a diferença em relação à terminologia usada para se referir às pessoas com deficiência e às diferentes deficiências. Uma vez que as diversas modalidades de acessibilidade audiovisual estão diretamente ligadas ao tipo de deficiência que buscam atender, encontramos diferenças significativas de como a cultura do texto de partida⁹ e a cultura brasileira tratam essas terminologias.

A título de exemplo, temos o termo *partially-sighted* usado para designar pessoas com algum nível de deficiência visual, mas que não são completamente cegas. No Brasil, os termos oficiais designados pelo governo brasileiro e publicados em estudos do Instituto Benjamin Constant (Conde, s.d.) indicam critérios definidos de acuidade visual e campo visual para indicar os diferentes níveis de deficiência visual. Em relação ao termo *partially-sighted*, pessoas com algum grau de deficiência visual e que não perderam completamente esses dois critérios são chamadas de “pessoas com baixa visão”, termo usado na nossa tradução.

Outros termos para os quais tivemos que nos atentar foram os nomes que as modalidades de TAV e TAVa podem ter em diferentes contextos. No texto em inglês, as modalidades de legenda intralingual (isto é, em que o áudio e a legenda estão no mesmo idioma) são referidas de forma intercambiável como *closed caption* e *subtitle for deaf and hard-of-hearing*. No Brasil, essas modalidades se diferenciam tanto com base no modelo de produção quanto no modo de exibição, uma vez que as legendas *closed caption* são produzidas por meio de etnografia ou softwares de reconhecimento de voz com edição em tempo real, sendo usadas, majoritariamente, para programas da televisão aberta apresentados ao vivo,

como jornais e programas de entretenimento. Por ser editada em tempo real, o modo de exibição desse tipo de legenda é por rolagem da tela, em que as legendas vão aparecendo em pequenos blocos de duas ou três palavras, podendo ser excluídas e inseridas ao vivo, e seguindo o fluxo da fala e incluindo repetições, reformulações e frases incompletas. As legendas *closed caption* apresentam um fundo preto, são alinhadas à esquerda, podem chegar a três linhas e trazem o texto escrito em letra maiúscula. Apenas em algumas situações, trazem informações sobre o nome de quem está falando ou outros efeitos sonoros.

As legendas para surdos e ensurdecidos (LSE), por sua vez, são produzidas e exibidas de maneira muito semelhante à legenda interlingual, feita de forma assíncrona com softwares específicos de legendagem, sendo usadas para praticamente todos os tipos de obras audiovisuais que não exijam edição e exibição em tempo real. Elas aparecem sem fundo, centralizadas, com um limite de duas linhas e sempre incluem informações a respeito de quem está falando e outros efeitos sonoros significativos para a compreensão do conteúdo.

12

Dada essa diferença de nomenclatura, sempre que foi possível deduzir a qual modalidade específica o texto em inglês estava se referindo, usamos a terminologia brasileira. Por exemplo, em uma citação que trazia a sigla “CC”, em referência a *closed caption*, mas que, claramente, estava relacionada a LSE, escolhemos usar apenas LSE. Em outro momento, quando o texto se referia a essas modalidades de forma mais genérica, sem um exemplo específico de uso, incluímos as duas opções. Esse movimento crítico-analítico coloca em cena não só a autorreflexão de cada pessoa durante seu processo tradutório (que pode ser relacionada ao movimento autorreflexivo que Echeverri (2017) aponta em relação ao desenvolvimento da área), mas também expande essa reflexão individual a interações entre a dupla e, posteriormente, ao grupo todo, proporcionando uma metarreflexão sobre os aspectos teóricos atrelados à prática. Possibilita, ainda, que aspectos éticos sejam discutidos a cada intervenção, em especial naquelas cujas decisões “escapam” a ações antecipadamente combinadas.

Esse último aspecto ocorreu na troca de *Joining The Dots* por Ligando os Pontos, no título do artigo. O do documentário analisado no texto (*Joining The Dots*) havia sido mantido em título inglês, seguindo alguns critérios previamente determinados, entre eles o de traduzir todos os nomes de filmes e obras com o mesmo nome em que foram lançados em português ou então manter em inglês as obras que ainda não tinham tradução oficial para o português.

Contudo, durante as etapas de revisão, encontramos uma versão do filme lançada em Portugal com o título de *Unidos os Pontos*. Flexibilizando nossas próprias determinações iniciais, optamos por não adotar o título português — que pareceu não ter sentido para o público

leitor brasileiro — e decidimos traduzir o nome do documentário por *Ligando os Pontos*, que faz referência ao jogo infantil de *join the dots* conhecido no Brasil como “ligue os pontos”. Além disso, essa escolha traz um jogo de palavras (tanto em inglês quanto em português) com a expressão coloquial que significa ‘juntar as peças ou elementos para entender/compreender algo’, jogando com a ambiguidade de forma semelhante ao que ocorre com o título em inglês.

A mesma dupla de tradutoras também foi responsável pela tradução do texto de Jorge Díaz-Cintas, intitulado *Clearing the Smoke to See the Screen: Ideological Manipulation in Audiovisual Translation*, publicado em 2012 pela revista canadense *Meta: journal de traducteurs*, em um volume especial sobre a manipulação da Tradução Audiovisual. Novamente, a escolha foi motivada pelo interesse pessoal pela TAV e pela afinidade acadêmica com a abordagem teórica explorada pelo autor no artigo, os Estudos Culturais da Tradução¹⁰.

Conforme o autor mesmo explica, a era de ouro da indústria audiovisual coincidiu com a virada cultural nos Estudos da Tradução, o que levou as pesquisas que, naquele momento, começavam a se dedicar às formas de tradução próprias desse meio (mais especificamente, as pesquisas em TAV) fossem influenciadas pelas novas teorias que surgiam, como o conceito de polissistemas (Even-Zohar, 1979) e de normas (Toury, 1995), bem como a discussão em torno da manipulação na tradução (Lefevere, 1992; Bassnett e Lefevere, 1998).

A partir desse novo contexto, as discussões sobre tradução deixaram de se limitar apenas a questões de ordem linguística e passaram a se interessar também pela forma como os valores culturais são traduzidos. Nesse ponto particular, as mídias audiovisuais e as traduções nelas presentes, surgem como uma área frutífera de estudos, dado seu papel na articulação e difusão de conceitos culturais, como gênero, raça e alteridade.

Considerando a reflexão proposta pela tradução do artigo de Jorge Díaz-Cintas e as próprias discussões e metarreflexões feitas pelo grupo durante o processo colaborativo, seria no mínimo contraditório nos limitarmos a analisar qualquer tradução em torno apenas do aspecto linguístico, de modo que a ideia da tradução como interpretação sempre permeada por questões éticas, defendida por modelos hermenêuticos, nunca deixaram de pautar as decisões. Nessa perspectiva, destaca-se a tradução das várias expressões idiomáticas que o autor usa ao longo de todo o texto, como: *ended up under the microscope* (traduzida como “despertou o interesse”) *is alive and kicking* (traduzida como “é maior do que nunca”) *resolute and healthy* (traduzida como “firme e forte”) e *patchwork* (traduzida como “colcha de retalhos”), dentre outras. Nota-se que, na tradução, priorizamos manter o sentido na língua do texto traduzido, nem sempre recorrendo a expressões idiomáticas do português, o que é uma pequena

exemplificação da preocupação hermenêutica, centrada mais na interpretação e menos nos aspectos linguísticos.

Na mesma linha, também podemos mencionar a tradução do título, que é uma metáfora do tema discutido no artigo de Diaz-Cintas, que optamos por manter e evitar uma tradução literal: *Clearing the smoke to see the screen* foi traduzido como “Dissipando a névoa que encobre a tela”. Essa estratégia difere, porém, do que aconteceu na tradução do termo “penetration”, na frase “*the process of importing foreign productions into a target culture always implies the penetration of unfamiliar elements*” (Diaz-Cintas, 2012, p. 283-284), cuja tradução foi a que mais gerou discussão.

Nosso maior impasse ocorreu em torno da conotação sexual que a palavra tem no português brasileiro. Embora também possa ter significado sexual em inglês, nossa dúvida foi se nos países de língua inglesa a palavra “penetração” remete, quase que imediatamente, à “penetração sexual”, como entendemos ser o caso no contexto brasileiro. Para decidir acerca do uso de “penetração” ou de outro termo sinônimo com significado de “entrar”, levamos em consideração tanto a frase em que a palavra foi usada, quanto a discussão proposta pelo autor no texto.

Ao tratar da manipulação na tradução, tema central do artigo, o autor recorre às definições dicionarizadas da palavra para explicar que nem toda manipulação é negativa, embora haja uma tendência de interpretar esse termo como algo “ruim”. Manipulação, conforme ele esclarece, significa “manusear, trabalhar manualmente” e, apesar de ser difícil transpor esse significado de dimensão corpórea (física) à tradução, que é uma prática de natureza intelectual (mental), é possível recuperá-lo quando consideramos os aspectos técnicos da tradução.

É com base nessa lógica que Díaz-Cintas propõe uma distinção entre manipulação técnica e manipulação ideológica. No que diz respeito à TAV, ele cita como exemplo de aspectos técnicos a sincronia labial na dublagem e a condensação na legendagem, que obrigam quem traduz a “manusear” o texto de partida, tendo em vista as normas estabelecidas ao longo de anos de pesquisa, que hoje priorizam muito mais o texto de chegada e sua recepção junto ao público-alvo da tradução.

A manipulação ideológica, por outro lado, é aquela que suprime ou atenua termos controversos ou sensíveis, como palavrões. Nesse sentido, Díaz-Cintas conclui que toda censura é uma manipulação, mas nem toda manipulação é uma censura. Além disso, o autor entende que a manipulação faz parte da tradução, porém, reforça que a necessidade de

manipular o texto de partida em função dos aspectos técnicos não deve interferir nas escolhas ideológicas.

Voltando à discussão acerca da tradução de “penetration”, entendemos que essa palavra, se tomada em sua conotação sexual, pode englobar tanto um significado positivo e prazeroso quanto um significado negativo e violento. Na frase analisada, esses significados também são produzidos, visto que a importação de obras audiovisuais estrangeiras implica a vinda de valores culturais diferentes, o que pode ser positivo, por possibilitar o contato com culturas diferentes, ou negativo, por reforçar uma cultura dominante e hegemônica, que é um contexto comum no Brasil com a penetração cada vez maior de produções audiovisuais estadunidenses, por exemplo. E foi também por abarcar esse sentido de violência, que palavras sinônimas como “entrar”, “introduzir”, “aprofundar” não nos remetem, é que optamos por “penetrar”.

É importante pontuar que nossa escolha seguiu, novamente, a preocupação com a interpretação (priorizada em modelos hermenêuticos) e possíveis efeitos de sentido da tradução, já que, apesar de parecer uma tradução literal, o termo “penetração” foi problematizado e escolhido com base na exposição acima detalhada.

15

A fim de ilustrar tanto a perspectiva da violência que a penetração, proporcionada pela tradução, pode reforçar quanto sua capacidade de empoderamento, Díaz-Cintas conclui o artigo apresentando alguns exemplos, como o projeto Mosireen¹¹, um coletivo de mídias sem fins lucrativos sediado no Cairo, cujo objetivo é documentar e denunciar a situação dos egípcios no contexto de revolução vivido pelo país, fazendo frente a veículos oficiais de mídia, considerados tendenciosos. A tradução, mais especificamente a legendagem, acaba desempenhando um papel fundamental na divulgação, disseminando a denúncia dos ativistas.

Díaz-Cintas, no entanto, chama a atenção para o fato de que as escolhas tradutórias que reforçam valores dominantes e hegemônicos nem sempre são conscientes. É por esse motivo que seu texto, ao problematizar a manipulação ideológica da tradução audiovisual, se torna uma importante referência nos estudos da área, e sua tradução é bastante relevante. Como o próprio autor pondera no texto *Audiovisual Translation Today. A question of accessibility for all* (2005), o objetivo de toda a tradução é promover o acesso a uma informação que, de outra forma, permaneceria hermética.

Tanto Romero-Fresco quanto Díaz-Cintas são representativos de um trabalho teórico e socialmente relevante desenvolvido nos Estudos da Tradução. Assim, ao traduzirmos os textos aqui apresentados, possibilitamos o acesso a reflexões importantes e necessárias que eles

propõem. Os textos traduzidos podem funcionar, ainda, como uma introdução aos estudos da TAV, a ser aprofundada com textos dos próprios autores, tais como Romero-Fresco (2022), no qual o autor atualiza e expande o conceito de produção cinematográfica acessível apresentado em seu texto de 2013 para a noção de acessibilidade midiática criativa, e Díaz-Cintas (2023), em que o autor discute novas possibilidades de nomenclaturas para as modalidades de TAV surgidas dentro do contexto midiático atual. Essas leituras têm o potencial de contribuir para conscientizar tradutoras e tradutores em sua prática profissional, que muitas vezes ocorre no fogo cruzado em meio à luta pelo poder, e colaborar para a pesquisa na área.

Discussão da Relação entre as Reflexões Teóricas e o Fazer Tradutório

As trocas entre as pessoas envolvidas no projeto é uma das características da tradução colaborativa (Pym, 2017; Spolidorio, 2017a) que a torna tão importante e necessária, em especial porque todas nós somos estudiosas da tradução e, portanto, pessoas que não só traduzem, mas também refletem sobre o processo tradutório, colocando em cena a metarreflexão (Echeverri, 2017). Além disso, como cada uma tem suas próprias subjetividades, as soluções tradutórias tendem a variar, já que nenhuma tradução se restringe a aspectos linguísticos, mas é resultado de leituras e reescritas (Lefevere, 1992) que consideram muitos aspectos do processo tradutório adotado em cada projeto. Nesse sentido, as discussões nos permitem o contato com outras formas de traduzir, as quais certamente são diferentes de quando estamos traduzindo sozinhas.

A tradução de textos sobre práticas e teorias tradutórias contribui, ainda, para o pensamento sobre a tradução tanto na perspectiva acadêmica, por permitir uma reflexão mais detida sobre a tradução, quanto na perspectiva profissional, porque proporciona o trabalho em conjunto nas diversas etapas, incentivando a interação entre colegas de diferentes níveis de formação e experiência (da graduação ao doutorado, de iniciantes a profissionais), bem como com as professoras, constituindo uma vivência importante para quem trabalha com tradução. Além disso, como o projeto consiste na organização de coletâneas, a troca se estende à leitura e discussão de textos fundamentados em diversas abordagens teóricas, possibilitando o entendimento das teorias como lugares em que diferentes conceitos são mobilizados para a investigação e construção de conhecimentos na área. Assim, de um lado, as pessoas participantes do projeto entram em contato com textos que dialogam diretamente com suas pesquisas; de outro, são expostas a temas e a teorias com as quais provavelmente não teriam a menor familiaridade.

Considerando o modelo hermenêutico de tradução (Venuti, 2012), concluímos que a tradução de textos teóricos proporciona um exercício amplo de interpretação e entendimento de que nossos pontos de partida são sempre provisórios e que não há espaços críticos totalmente delimitados e definidos de antemão. As diversas teorias, coesas ou não, extrapolam a moldura disciplinar e nos levam a ver o processo tradutório sob outros ângulos, em que a tradutora ou o tradutor vão construindo o texto, colocando em ação sua bagagem, seus afetos e seu conhecimento de mundo e de vida, em um compartilhamento de saberes proporcionado pelas discussões oriundas do processo de tradução colaborativa.

Considerações Finais

Este artigo teve como objetivo apresentar e discutir o projeto *Diversas faces da tradução na contemporaneidade*, ressaltando a importância da tradução colaborativa de textos teóricos para a promoção da metarreflexão crítica dentro dos Estudos da Tradução. A partir da descrição da metodologia adotada, da análise de exemplos tradutórios e da reflexão sobre os desafios enfrentados, buscou-se demonstrar como o projeto articula prática e teoria, contribuindo para a formação de tradutoras e tradutores conscientes de seu papel como agentes de mediação cultural e intelectual.

17

A tradução de textos teóricos, quando associada a uma prática colaborativa e fundamentada em modelos hermenêuticos, propicia não apenas o desenvolvimento de habilidades tradutórias, mas também a formação de uma postura crítica diante das escolhas interpretativas, terminológicas e ideológicas que permeiam todo ato tradutório. As experiências analisadas mostraram que a prática da tradução de textos teóricos demanda uma compreensão ampliada do processo tradutório como espaço de negociação de sentidos.

Tanto a metodologia e a análise apresentadas quanto a divulgação de projetos semelhantes podem servir de modelo para outros grupos de pesquisa que embarcarem em suas próprias jornadas tradutórias de textos teóricos. Além disso, seria relevante para futuras pesquisas expandir a investigação para práticas similares também em outros contextos, a fim de compreender como diferentes universidades e grupos trabalham.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Arrojo, R. (1986). *Oficina de Tradução: A teoria na prática*. Editora Lisboa.

Arrojo, R. (1992). *O Signo Desconstruído: Implicações para a Tradução, a Leitura e o Ensino*. Campinas: Pontes.

-
- Arrojo, R. (1993). *Tradução, Desconstrução e Psicanálise*. Editora Imago.
- Bassnett, S.; Lefevere, A. (1998). *Constructing Cultures*. Clevedon: Multilingual Matters.
- Benvenuto, S. M. A. (2013) *Adaptação filmica e audiodescrição: uma proposta de produção cinematográfica acessível para pessoas com deficiência visual*. [dissertação de mestrado] Universidade Estadual do Ceará.
- Conde, A. J. M. (s.d.) *Definição de cegueira e baixa visão*. Instituto Benjamin Constant. http://antigo.ibc.gov.br/images/conteudo/AREAS_ESPECIAIS/CEGUEIRA_E_BAIXA_VISAO/ARTIGOS/Def-de-cegueira-e-baixa-viso.pdf
- Derrida, J. (2005). Fidelidade a mais de um - merecer, herdar onde a genealogia falta. Tradução de Paulo Ottoni. In: Ottoni, P; Derrida, J. *Tradução manifesta. Double bind e acontecimento*. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: EdUsp.
- Díaz-Cintas, J. (2005). *Audiovisual Translation Today. A question of accessibility for all. Translating Today*, (4), 3-5. https://www.academia.edu/22558399/2005_Audiovisual_translation_today_a_question_of_accessibility_for_all.
- Díaz-Cintas, J. & García-Escribano, A. B. (2023). Integrating post-editing into the subtitling classroom: what do subtitlers-to-be think?. *Linguistica Antverpiensia, New Series – Themes in Translation Studies*, 22. <https://doi.org/10.52034/lans-tts.v22i.777>
- Echeverri, A. (2017). About maps, versions and translations of Translation Studies: a look into the metaturn of translatology. *Perspectives*, 25(4), 521-539. <https://doi.org/10.1080/0907676X.2017.1290665>
- Even-Zohar, I. (1979) Polysystem theory. *Poetics Today*, 1(½), 287-310. <https://doi.org/10.2307/1772051>
- Holmes, J. S. (1988). The Name and Nature of Translation Studies. In J. S. Holmes. *Translated! Papers on Literary Translation and Translation Studies* (64-80). Amsterdam: Rodopi.
- Jiménez-Crespo, M. A. (2020). The “technological turn” in translation studies: Are we there yet? A transversal cross-disciplinary approach. *Translation Spaces*, 9(2), 314-341. <https://doi.org/10.1075/ts.19012.jim>
- Lefevere, A. (1992). *Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame*. Londres/ Nova York: Routledge.
- Lima, E. (2018). *Diversas faces da tradução na contemporaneidade*, volume 1. Pontes Editores.
- Lima, E; Veras, V. (2021). *Diversas faces da tradução na contemporaneidade*, volume 2. Pontes Editores.

-
- Munday, J. (2016) *Introducing Translation Studies: Theories e Applications*. 4. ed. London/New York: Routledge Taylor & Francis Group.
- Otoni, P. (Org.) (1998). *Tradução, a prática da diferença*. Editora da Unicamp.
- Otoni, P. (2000). A tradução da *différance*: dupla tradução e double bind. *Alfa*. Revista de Linguística. São Paulo: UNESP, 44 (n.esp.), p.45 58, 2000. <https://periodico.s.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4278>
- Otoni, P. (org) (2005). *Tradução. A prática da diferença*. 2a. ed. rev. Campinas: Editora da Unicamp.
- Palma, D.; Lima, E. (2023). Entre palavras e imagens: ensaios e pesquisas em memória, tradução e intermedialidade. Pedro e João Editores.
- Pym, A. (2017). *Explorando Teorias da Tradução*. Trad. Rodrigo Borges de Faveri, Claudia Borges de Faveri, Juliana Steil. São Paulo: Perspectiva.
- Romero-Fresco, P. (2022) Moving from Accessible Filmmaking toward Creative Media Accessibility. *Leonardo* 55 (3): 304–309. https://doi.org/10.1162/leon_a_02204
- Rodrigues, C. C. (2013) Os Estudos de Tradução nos programas brasileiros de pós-graduação. In: Guerini, A.; Torres, M.H.; Costa, Walter Carlos (org). *Os Estudos da tradução no Brasil nos séculos XX e XXI*. Tubarão: Ed. Copiart, Florianópolis: PGET/UFSC, p. 51-69.
- Snell-Hornby, M. (2006). *The Turns of Translation Studies: New paradigms or shifting viewpoints?* John Benjamins Publishing Company. <https://doi.org/10.1075/btl.66>
- Spinoza, B. (1677). *Ética e Compêndio de Gramática da língua hebraica*. Obra Completa IV. Tradução e notas J. Guinsburg e Newton Cunha. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- Spolidorio, S. (2017a). Fansubbing in Brazil: Fan translation and collaborative production in light of Participatory Culture. *The Journal of Translation Studies*, 18, p. 61-89.
- Spolidorio, S. (2017b). Mapeando a Tradução Audiovisual Acessível no Brasil. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, 56, p. 313-345. <https://doi.org/10.1590/010318138648885280741>
- Spolidorio, S. (2017c). *Comunidades online e legendas de fãs: novas formas de produzir e consumir legendas*. [Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Campinas] <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2017.983522>
- Spolidorio, S. (2020). Researches in audio description in Brazil: a decade of graduate studies publications. In: Ojeda, B. M.; Muñoz, M. L.R. (Org.). *Translation in and for Society: Sociological and Cultural Approaches in Translation*. 1ed. Córdoba: Editorial UCOPress, p. 350-372.
- Spolidorio, S. (2021). Entre a técnica e a acessibilidade: uma introdução teórico-prática à legendagem. In: Lima, E.; Pisetta, L. R.; Veras, V. (Org.). *E por falar em tradução*.

1ed. Bauru, SP: Canal 6 Editora, p. 113-130.

Stefanini, M. W.; Lima, E. (2018). 5x favela, agora por nós mesmos: Um estudo sobre legendagem e audiodescrição. *Cadernos de Tradução*, v. 38, p. 219-240.
<https://doi.org/10.5007/2175-7968.2018v38n2p219>

Stefanini, M. W. (2019) Considerações sobre a (im)possibilidade de objetividade na audiodescrição. *Intercâmbio*, 41, p. 65-87.
<https://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/view/42801>

Stefanini, M. W. (2020). *No limiar da subjetividade: considerações sobre a audiodescrição*. [Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Campinas].
<https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2020.1129421>

Stefanini, M. W. (2023). Audio describing the horror genre: creating fear in the viewer. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 62, p. 274-288.
<https://doi.org/10.1590/01031813v62220238674210>

Stefanini, M. W. (2024). O jogo na audiodescrição: considerações com base em Gadamer e Didi-Huberman. *TRADTERM*, v. 47, p. 53-81. <https://doi.org/10.11606/issn.2317-9511.v47p53-81>

20

Toury, G. (1995). *Descriptive Translation Studies and Beyond*. Amsterdam: John Benjamins.

Tymoczko, M. (2006). Reconceptualizing Translation Theory: Integrating Non-Western Thought about Translation. In T. Herman (Ed.). *Translating Others (Volume 1)* (13-32). London: Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315759869>

Venuti, L. (Ed.). (2000). *The Translation Studies Reader*. Londres/Nova York: Routledge.

Venuti, L. (Ed.). (2012). *The Translation Studies Reader*. 3a ed. Londres/Nova York: Routledge.

Venuti, L. (2017) *Teaching Translation – Programs, Courses, Pedagogies*. Londres/Nova York: Routledge.

Veras, V. (2021). Línguas em tradução: tempos, ritmos e vozes. *Revista da Anpoll*, Florianópolis, v. 52, n. 2, p. 262-274, jun.-out.
<https://doi.org/10.18309/ranpoll.v52i2.1563>

APÊNDICE

Quadro 1 – Documentação de todas as etapas do projeto

Etapa 1 - Escolha e Autorização dos Textos
Reunião inicial das pessoas interessadas em participar do projeto para escolha dos temas e possíveis textos a serem traduzidos. Mobilização para conseguir as autorizações necessárias e divisão das duplas ou trios.
Etapa 2 – Tradução
O texto é dividido em partes e as duplas ou trios se organizam para realizar a tradução da seguinte maneira: Pessoa 1 – tradução da parte 1 Pessoa 2 – tradução da parte 2 Pessoa 3 – tradução da parte 3
Etapa 3 – Revisão Interna
As partes traduzidas são revisadas pelas outras pessoas da dupla ou trio da seguinte maneira: Pessoa 1 – revisão com cotejo da parte 2 e 3 Pessoa 2 – revisão com cotejo da parte 1 e 3 Pessoa 3 – revisão com cotejo da parte 1 e 2
Etapa 4 – Conciliação do texto traduzido
Todas as pessoas da dupla ou trio trabalham juntas para aceitar ou recusar as correções sugeridas na etapa de revisão interna, juntando todos os arquivos traduzidos e revisados em um único arquivo já com a formatação inicial.
Etapa 5- Revisão externa
Outra dupla ou trio revisa com cotejo o texto traduzido completo. A escolha de que dupla ou trio vai revisar qual texto também fica a critério da organização das pessoas participantes com base nos interesses e preferências pessoais.
Etapa 6 – Conciliação do texto revisado
Todas as pessoas da dupla ou trio trabalham juntas para aceitar ou recusar as correções sugeridas na etapa de revisão externa.
Etapa 7 – Revisão sem cotejo pelas professoras coordenadoras
As professoras coordenadoras do projeto revisam os textos em português, ocasionalmente cotejando trechos específicos para conferências pontuais e marcam reuniões diretas com as duplas ou trios para tratar de possíveis divergências encontradas.
Etapa 8 – Consolidação do texto revisado final
As duplas e trios revisam seus textos mais uma vez, levando em consideração as correções e sugestões feitas pelas professoras coordenadoras.
Etapa 9 – Formatação dos textos revisados
Uma dupla específica se responsabiliza por juntar todos os textos revisados em um único arquivo, formatando de acordo com o Guia de Estilo da editora responsável pela publicação.
Etapa 10 – Diagramação do manuscrito

A editora faz a diagramação do manuscrito.
Etapa 11 – Primeira revisão de provas
As duplas e trios revisam seus próprios textos mais uma vez na versão formatada e diagramada, indicando diretamente no arquivo PDF as correções a serem feitas. Cada dupla ou trio também compila uma lista das revisões e correções necessárias em um arquivo Word separado para conferência.
Etapa 12 – Ajustes na versão diagramada
A editora aplica as revisões indicadas pelas duplas e trios e envia a segunda versão diagramada.
Etapa 13 – Conferência da primeira revisão de provas
As duplas e trios batem as emendas de seus próprios textos, conferindo se todos os pedidos de correção da primeira versão foram aplicados.
Etapa 14 – Revisão final
Cada dupla ou trio revisa pelo menos o texto de uma outra dupla ou trio para ajudar na revisão textual final.
Etapa 15 – Ajustes finais e impressão
A editora aplica as correções indicadas na revisão final e envia o texto para impressão do livro físico.
Etapa 16 – Recebimento e envio dos livros
A editora envia as cópias dos livros para a Universidade Estadual de Campinas. Cada participante do projeto de tradução recebe duas cópias. Envio internacional de uma cópia dos livros para cada autora e autor que autorizou a tradução.
Etapa 17 - Distribuição eletrônica
A editora providencia a versão em PDF da coletânea que é disponibilizada para download de forma gratuita no site do grupo de pesquisa <i>E por falar em tradução</i> .

Fonte: Elaborado pelas autoras.

¹ Original: “[t]he increasingly interdisciplinary nature of translation studies has multiplied theories of translation” (Venuti, 2000, p. 4)

² “promotes an ethics of translation that avoids any mystifications designed to maintain a cultural or social status quo and instead lays out the possibilities for innovation and change, for the creation of values.” (Venuti, 2012, p. 485)

³ *Différance* é um neologismo derridiano que significa, ao mesmo tempo, diferir e adiar. Marcado pelo *a* que modifica a *différance* na escrita, mas não na escuta, esse movimento coloca em cena o papel do significante saussuriano como algo que só funciona em cadeias, com rastros que levam a outros rastros (Derrida, 1972/2002). A *différance* possibilita, ainda, outros jogos de sentidos na tradução do termo para a língua portuguesa: diferença, diferência, diferença, diferença (Ottoni, 2000), recuperados na capa da coletânea. Após essas várias tentativas tradutórias, *différance* passa a ser empregado sem que seja traduzido para o português, fazendo que o francês possibilite outras construções na nossa língua.

⁴ O projeto é desenvolvido de forma contínua por integrantes do grupo de pesquisa *E por falar em tradução*, cadastrado no CNPq e liderado por Érica Lima (Universidade Estadual de Campinas - Unicamp) e Lenita Pisetta (Universidade de São Paulo - USP). Mais informações sobre as ações e integrantes do grupo estão disponíveis em: <https://www2.iel.unicamp.br/eporfalaremtraducao/>

⁵ O grupo tem um modelo de e-mail de solicitação em que explica o projeto e fornece o link com as publicações anteriores para conhecimento das autoras e dos autores. Atualmente temos a solicitação em inglês, francês, espanhol, alemão e chinês. Todos os e-mails são enviados com cópia para a docente organizadora, de forma a

garantir a formalidade do processo. Muitas vezes, além desse primeiro contato, é preciso também solicitar a autorização para a editora - o que, invariavelmente, atrasa o andamento ou até leva à desistência, seja por falta de resposta, seja por respostas inconclusivas.

⁶ No quadro apresentado no Apêndice, o detalhamento de todas as etapas do projeto.

⁷ Assim como acontece com a concessão dos direitos autorais, isso pode ser muito rápido (como ocorreu com o primeiro volume, publicado rapidamente devido aos prazos da execução orçamentária) ou muito moroso (como aconteceu com o segundo volume, organizado durante o período da pandemia de Covid-19).

⁸ Disponível em: <https://www.uece.br/ppgcc/wp-content/uploads/sites/53/2019/11/Saramabel.pdf>

⁹ Ainda que o texto tenha sido escrito e publicado em inglês, o autor leva em consideração contexto da Espanha, onde ele vive e desenvolve suas pesquisas.

¹⁰ Ver também Spolidorio (2017c), Spolidorio (2020), Spolidorio (2021), Stefanini; Lima (2018), Stefanini (2019), Stefanini (2020), Stefanini; Matamala (2023). Stefanini (2024).

¹¹ Mona Baker trata do Projeto Mosireen em um texto também traduzido por uma das autoras deste artigo em dupla com outra integrante do grupo (Palma e Lima, 2023).